

A ESTRATÉGIA DOS ESTADOS UNIDOS

Por PIERRE FRÉDÉRIX. Da publicação francesa Le Monde. Tradução para a Revista "Ejército", Espanha, pelo Ten.-Cel DE SOTTO MONTES.

Tradução do espanhol para o português, "data vênica", do Major de Artilharia ZAIR DE FIGUEIREDO MOREIRA.

I — A BATALHA DA EUROPA E O APÓIO AÉREO

Quando os franceses e os demais habitantes da Europa Ocidental tratam de imaginar como haverá de desenrolar-se uma futura guerra, o que é quase inevitável, todos se voltam para os russos enfrentando-se com as forças da OTAN com meios quatro vezes superiores. "Do Elba ao Canal da Mancha em vinte e cinco dias". O citado canal asseguraria, por conseguinte, aos ingleses uma trégua que possivelmente poderia ser a sua salvação. Entretanto, a Europa Ocidental seria ocupada e ainda teriam que transcorrer dois ou três anos para que os norteamericanos pudessem intentar um desembarque libertador.

Tal imaginação possivelmente poderia ser certa se não se levasse em conta os efetivos e armamentos da SHAPE; porém, sem dúvida, resultará errônea desde o momento em que atentarmos para a maneira como se desenvolverá a batalha nas primeiras semanas, na Europa, com o possível estabelecimento ou prolongamento de outra operação soviética no Oriente Médio.

Os dirigentes norteamericanos consideram como coisa provável que a operação russa encarregada de dar sinal de emergência será uma espécie de "Pearl-Harbour atômico", dirigida contra o território dos Estados Unidos. Assim,

pois, os russos, em lugar de bombardear Paris, cidade que pensam ocupar, demonstrarão maior interesse em ferir seu adversário principal, em Washington, em Nova-York, em Oack-Ridge, em Detroit e em Hanfort. Por outro lado, sem dúvida, será certo que, qual quer que seja a natureza e a violência das primeiras operações soviéticas, depois de um prazo de tempo não superior a vinte e quatro horas, a aviação norteamericana voará em formação de guerra sobre o território da URSS.

O "Strategical Air Command" (SAC) dispõe atualmente de várias centenas de bombas atômicas duas ou três vezes mais potentes do que a de Hiroshima, e além disso conta com umas 40 bases, espalhadas pelo território americano e sobre o contorno do hemisfério Norte. O citado organismo aéreo não recebe suas ordens senão do Pentágono ou da Casa Branca; portanto, atualmente, para o Governo dos Estados Unidos, não existe obrigação alguma de consultar os Governos dos países aliados ou a organização do Pacto do Atlântico Norte para por em ação o seu SAC em um momento determinado.

No instante em que os russos atravessassem a atual linha de demarcação européia, poderia muito bem suceder — segundo disposições das previsões oficiais norteamericanas — que houvesse já um milhão de vítimas nos Estados

Unidos. Na noite seguinte, seria a URSS que inevitavelmente começaria a receber a ação das bombas atômicas norte-americanas, e tal bombardeio continuaria nas semanas seguintes. Conseqüentemente, além da batalha terrestre que empregarão as forças soviéticas e as da SHAPE, na sua secção europeia da OTAN, se desenvolveria outra no ar, conduzida pelo SAC contra as obras ativas do potencial bélico russo, levada a cabo com meios de destruição verdadeiramente formidáveis.

Tendo presente a superioridade dos armamentos atômicos dos Estados Unidos, seu SAC prevê uma total vitória sobre qualquer território atacado por ele, estimando-se que se pode conseguir o triunfo em poucas semanas e considerando-se igualmente que, ao transtornar os centros nevralgicos e vitais da URSS, tal ação influiria notavelmente no desenvolvimento da luta terrestre empreendida pelos russos contra as forças da SHAPE.

II — NOVO EMPRÉGO DA BOMBA ATÔMICA

Mas haveremos de perguntar: Se os norte-americanos possuem verdadeiramente um útil recurso capaz de destruir todos os centros vitais da URSS em um mês, por que continuar com o atual esforço militar que corre o risco de esgotar a Europa? A resposta será: uma vitória do SAC poderia debilitar profundamente a Rússia, porém não deteria à marcha de suas tropas de campanha, e assim, poderia ocorrer que se os Estados Unidos desmobilizassem prematuramente seu Exército, ainda que esmagasse a URSS com um lançamento maciço de 50.000 bombas atômicas, arriscariam-se vêr ocupado seu território por 300.000 pára-que-distas soviéticos; daí o grande erro que seria subestimar as possibilidades das tropas do SHAPE e fundamentar qualquer reação de tipo bélico tão somente pelo ar, dada a loucura da suposição de imaginar-se por um instante que a destruição da URSS impediria as suas

fôrças de campanha de ocupar a Europa.

O rápido desenvolvimento das armas atômicas pode, portanto oferecer repercussões indiretas sobre a batalha da Europa, se por acaso fôsse preciso libertá-la; porém, além disso, modifica muito diretamente suas condições eventuais. Verdadeiramente, tal modificação mais ou menos acentuada já começou, ainda que, todavia, não tenhamos exata conta disso.

Quando se estabeleceram as bases fundamentais do plano de defesa da Europa Ocidental, estas se basearam totalmente no emprêgo das armas clássicas, devido a que os Estados Unidos, na ocasião, não dispunham mais que um reduzido número de bombas atômicas, pelo que resultava pouco sedutora a idéia de utilizar tais meios sobre objetivos de enormes dimensões — grandes cidades, centros industriais, etc. — perfeitamente situados por sua distância da possível frente de combate. Depois, a medida que as disponibilidades norte-americanas em bombas atômicas foram aumentando rapidamente, o SAC estimou que já dispunha dos meios necessários para "atomizar" os objetivos que pudesse assinalar; assim, pois, a atual produção de urânio 235 e de plutônio possivelmente pode ser atribuída a outros usos distintos dos bombardeios estratégicos do referido SAC.

Com o aperfeiçoamento experimentado pelas bombas atômicas, estas se tornaram muito mais manejáveis; o modelo da bomba de 50 quilotons (o quiloton equivale a mil toneladas de explosivo ordinário) parece ser, pelo menos no momento, considerado como o limite útil dos bombardeios estratégicos do SAC, e tais bombas pesam duas vezes menos que a de 20 quilotons de Hiroshima. A fabricação, por conseguinte, tomou diversas orientações; assim poudese ver que em 1951 os Estados Unidos experimentaram em Eniwetok uma bomba gigante de 120 quilotons e no mesmo ano iniciou-se a fabricação de pequenas bombas, "Baby bombs", de um número

reduzido de quilotons; daí, se atualmente ainda não se conseguiu reduzir o tamanho dos engenhos atômicos a ponto de transformá-los numa granada do tipo corrente, em troca, hoje em dia, ser possível carregar atômicamente um canhão ou obús de 280 milímetros. Ademais, das bombas atômicas estratégicas destinadas aos bombardeiros médios e pesado do SAC, os Estados Unidos dispõem de um pequeno tipo de alguns quilotons, denominadas táticas, as quais serão usadas por aviões caça-bombardeiros ligeiros.

Por tudo o que foi esposto, facilmente se pode deduzir que em uma possível batalha da Europa, não somente se desencadeariam bombardeios atômicos de tipo estratégico sobre a Rússia, mas que tal classe de engenhos seriam também empregados contra as retaguardas próximas do adversário e, portanto, atuariam como apoio direto das forças de operações do SHAPE. Este novo conceito de emprego da energia atômica ainda é pouco conhecido da opinião pública; porém ao técnico militar abre-se um excelente campo de possibilidades, tanto nos seus estudos estratégicos como nos que intervêm no campo da tática.

III — AS NOVAS BOMBAS ATÔMICAS TÁTICAS

O canhão atômico norte-americano de 280 mm apresenta as mesmas vantagens e inconvenientes da maioria das peças pesadas. Tal arma pode lançar seus projetis com grande precisão a distância de uns 30 kms., sejam quais forem as condições atmosféricas e tanto de dia como de noite, coisa que não se pode obter com os aviões. Pois bem, durante as experiências realizadas com tais peças por ocasião de exercícios combinados, pôde-se comprovar que tais canhões não podem iniciar o fogo num prazo inferior a duas horas após haver recebido ordem para atuar; em troca, um caça-bombardeiro pode em poucos minutos pôr-se na vertical de

um objetivo situado a igual distância do canhão e lançar suas bombas. Conseqüentemente, e traçado o problema segundo o atual estado da técnica da artilharia atômica, esta não pode oferecer no momento mais do que um débil apoio às tropas que atuam numa batalha de movimento e de manobra. Coisa análoga poderia dizer-se sobre os engenhos teledirigidos lançados da terra contra objetivos também terrestres.

Disso resulta que, pelo menos agora, o principal apoio a ser recebido pelas forças de terra combatentes haverá de provir da aviação, e com mais exatidão, dos aviões norte-americanos, já que tal país é o único possuidor das bombas atômicas táticas no grupo ocidental e, ao que parece, não tem a menor intenção de colocar um só exemplar em mãos de seus aliados.

Que espécie de aviões serão os que deverão lançar as bombas atômicas táticas? Ao que parece, são os bombardeiros ligeiros e os caça-bombardeiros. Os primeiros se encontram enquadrados nas Divisões Aéreas da "Tactical Air Command" (TAC), organizadas nos Estados Unidos e transferidas para a Europa dentro do quadro do SHAPE e OTAN; os segundos, além de figurarem nas mencionadas Divisões Aéreas, também nas esquadrilhas de "Caça estratégica" da SAC.

Por outro lado, deve-se notar que a atual produção norte-americana de bombardeiros ligeiros de reação a jato se encontra menos avançada que a soviética; em compensação, a produção de caça-bombardeiros também de reação a jato (tipo F-84, Thunderjet) é nitidamente superior do lado americano. Além disso, um F-84 custa doze vezes menos que um bombardeiro médio do SAC, dezoito vezes menos que um bombardeiro pesado B-36 e mais de trinta vezes menos que um B-52.

Assim, pois, saindo de suas atuais bases na Grã-Bretanha, a aviação norte-americana pode cobrir todo o campo de batalha da Europa, incluída a Polônia, mediante a entrada em ação de seus caça-bombardeiros. O SAC e os Generais

Ridgway e Norstad disporão, por conseguinte, de meios adequados para apoiar as tropas terrestres da SHAPE.

De quantas bombas táticas dispõem os Estados Unidos? Segundo notícias de crédito, pode-se estimar que, independentemente das de grosso calibre, de tipo estratégico, destinadas ao SAC, a Norte América possivelmente dispõe de umas seis centenas de bombas táticas, as quais poderiam ser destinadas totalmente contra o Exército russo durante as primeiras seis semanas de guerra. Como naturalmente a fabricação haveria de continuar, considera-se previsível que a indústria nuclear americana teria possibilidades de facilitar à sua aviação umas duzentas bombas táticas por mês. Como se pode vêr, sendo mais ou menos exatas estas cifras, a realidade é que a superioridade dos Estados Unidos sobre a Rússia em tal aspecto da questão parece assegurada por muito tempo.

Si a futura guerra iniciar-se numa manhã muito próxima, verosimilmente a Rússia não poderia distrair grande quantidade de bombas atômicas (possivelmente nenhuma) para outras missões diferentes das de tipo estratégico, enquanto os Estados Unidos, como se raciocinou anteriormente, pode, e com várias centenas.

IV — VÁRIAS CENTENAS DE HIROSHIMAS CONTRA OS RUSSOS QUE OPERAREM NA EUROPA

Para usos táticos, os 20 quilotons da bomba de Hiroshima — que destruiu edifícios de ladrilho em uma zona de 5 quilômetros de diâmetro e queimou homens nos mais amplos raios de ação — parece ser o limite máximo. Entre tal máximo e o mínimo adequado, que poderia estimar-se em uma fração de quiloton, as potências compreendidas entre os 5 e os 10 quilotons podem ser consideradas como um termo médio factível de utilização em múltiplas situações táticas. Na prática, o que pode significar isso? Simplesmente, que qualquer pequeno caça-bombardeiro a jato,

voando a uma velocidade de 950 km-hora, tanto de grande altura como em vôo baixo, pode lançar sobre um objetivo, em poucos segundos, o valor em potência destruidora de vários milhares de toneladas de explosivo corrente e ainda mais, que tal operação aniquiladora pode ser repetida sobre o campo de batalha europeu centenas de vezes no transcurso das vinte e quatro horas críticas que se seguirem ao ataque soviético.

Porém, quais são os objetivos da Europa que podem justificar tais Hiroshimas? Não seriam, em nenhum caso, as tropas entrincheiradas; nada se pensou até agora, nem é possível prevêêr no momento, no emprêgo de bombas atômicas sobre as trincheiras da Coréia. As tropas que avançassem a descoberto em ordem dispersa tão pouco constituiriam objetivos adequados, já que, segundo precisou o General Bradley: "Um adversário que disperse seus homens com intervalos de cem metros poderá avançar contra a mais potente organização atômica do mundo, se não se opuzer outros homens para detê-lo". Restam, não obstante, os nós de comunicações, os pontos de passagem obrigatória, os quartéis gerais, as bases aéreas da aviação de caça e de interdição, situadas por detrás da linha de batalha; as concentrações de reservas e demais lugares de reunião.

Quando os alemães irromperam pela frente de Sedan em 1940, suas cohortes blindadas cruzaram o Mosa por um só ponto e, utilizando deiros a grande estrada de Abbeville, avançaram com uma frente de dois ou três veículos sem preocuparem-se com o que ficava em seus flancos. Quando os russos atacaram em 1943, a partir do lago Ladoga, o avanço tomou as características de um movimento de enormes massas de infantaria, artilharia e carros sobre uma zona de muito poucos quilômetros de largura. Hoje em dia, u'a média de uma dúzia de bombas atômicas táticas faria tal movimento, senão impossível, de muita arriscada realização. Os russos, evidentemente,

não terão deixado de pensar sobre tal particularidade.

Desde então se apresentou um novo problema aos táticos do SHAPE, cujo planejamento fica reduzido em saber a forma ou a maneira de obrigar os russos a "concentrarem-se" (e não em impedir tal concentração). Pois bem, tudo o que se disse implica uma vez mais a necessidade, cada vez maior, de que a Europa Ocidental disponha de Divisões potentes e móveis capazes de manobrar o inimigo e evitar a sua dispersão.

V — O SEGRÊDO ATÔMICO DIFÍCULTA OS CÁLCULOS DA DEFESA DA EUROPA

Entre a concepção norteamericana de guerra internacional e a europeia de guerra continental, atualmente existe uma dissonância que não se refere somente a que, como coisa natural, cada um pense em proveito do seu próprio país; existe ainda um outro motivo. Os norteamericanos possuem a arma atômica; seus aliados, em troca, não dispõem dela, com exceção de algumas bombas inglesas de tipo experimental. Os Estados Unidos conhecem perfeitamente o rendimento da bomba atômica; seus aliados o conhecem muito imperfeitamente. Na Norte America existem Generais que, equivocada ou razoavelmente, estão convencidos de acharem-se em condições de neutralizar os bombardeiros estratégicos soviéticos, assim como de poderem destruir centros vitais da URSS num prazo de um mês. Na Europa, ao contrário, consideram-se estas perspectivas como um pesadelo longínquo sem relação com a defesa do Continente. Possivelmente os americanos pecam por "otimismo" e os europeus caem na falta de sinal contrário por desconhecerem as realidades militares, cujos segredos não foram revelados.

Tal estado de "espírito atômico" não só tem impregnado os Comandos militares dos Estados Unidos, como também as tropas. Desde princípios de 1951, que todas as manobras militares realizadas em

Nevada ou em outras zonas sempre têm combinado o emprêgo das armas atômicas com as até agora consideradas como clássicas; tais manobras deverão ser multiplicadas no ano de 1953. Disso resultou que, atualmente, várias centenas de milhares de soldados norteamericanos puderam ver o que nenhum soldado francês, italiano, belga, etc., haja visto, isto é, a utilização das bombas atômicas táticas e a explosão delas a alguns quilômetros delas. Observaram igualmente que puderam avançar sobre o terreno em que se realizou a explosão e, portanto, não precisam imaginar o que é necessário fazer em caso de guerra, já que conhecem e praticaram durante a paz. Em troca, nenhum soldado aliado o sabe e nem se lhe disse nunca.

Uma lei dos Estados Unidos proíbe a seus nacionais comunicar qualquer coisa referente ao "atomismo" a um cidadão não norteamericano, qualquer que seja a nação do referido indivíduo. Assim, pois, o próprio General Ridgway não tem o direito legal para explicar ao seu adjunto mais direto, o Marechal Montgomery, ou o Marechal Juin, Comandante das forças terrestres na Europa, o que poderia se passar com a Rússia em caso de guerra. As pequenas Hiroshimas a que teria de fazer frente durante o desenrolar das batalhas terrestres no Weser ou no Reno, etc. Em teoria, o Marechal Juin nem sequer tem o direito de conhecer o manual sobre o emprêgo das bombas atômicas que se distribui normalmente entre os soldados da infantaria dos Estados Unidos.

Vários chefes militares norteamericanos, começando pelos Generais Bradley e Collins, impugnam tal situação, sendo duplo o motivo de seus protestos: primeiro, porque ao sobreestimar-se a importância da arma atômica, se corre o risco de que os europeus diminuam o esforço sobre as armas clássicas, que continuam sendo indispensáveis; segundo, porque se considera que todos os Chefes aliados que hajam de ter uma direta responsabilidade na condução da guerra na

Europa têm necessidade de conhecer exatamente com que possibilidades de tôdas as ordens poderão contar.

A opinião pública da Europa oscila atualmente entre a crença bastante ingênua da existência de "super-armas", capazes de varrer de um só golpe a superfície da terra, e a desconfiança sôbre as possibilidades reais de tais bombas atômicas norteamericanas. Assim pois,

os planos que se estabelecem nos diversos organismos do SHAPE e na maior parte das capitais européias do Oêste se encontram viciados até certo ponto, devido o segredo mantido sôbre um dos principais dados do problema bélico. Possivelmente, um melhor entendimento sôbre o emprêgo da arma atômica serviria mais às nações associadas pelo Pacto do Atlântico Norte do que a atual ignorância existente.

ESPELHO FRIBURGUENSE LTDA.

Casa Fundada em 1924

QUADROS, VIDROS, ESPELHOS E MOLDURAS

Artigos religiosos, objetos de Escritório e Colegiais — Fazem-se quadros para todos os gostos. Colocam-se vidros a domicilio, com brevidade e preços módicos. Cartões Postais com vistas de Friburgo — Brinquedos, etc.

AVENIDA ALBERTO BRAUNE, 60 — TEL. : 1399

NOVA FRIBURGO — ESTADO DO RIO

(N. 4)



FABRICA DE CALÇADOS "CORCOVADO" — INDÚSTRIA BRASILEIRA

DELFIN, MADEIRA & CIA. LTDA.

RUA ANTUNES MACIEL, 81 — TEL. : 28-3706

(N. 13)